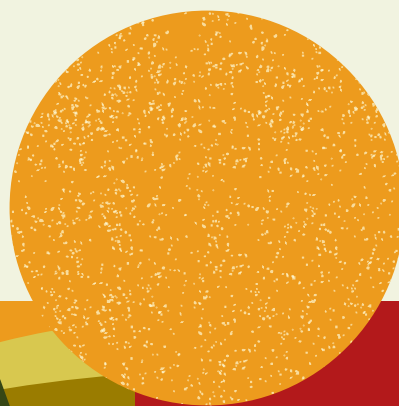


VII JORNADA MUNDIAL DOS POBRES

Olhe para mim

Não desvie o rosto de
nenhum pobre (Tb 4,7)



Jornada
Mundial
dos Pobres



CONFERÊNCIA NACIONAL
DOS BISPOS DO BRASIL

Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Dom José Valdeci Santos Mendes, bispo de Brejo (MA),
Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira, bispo da Prelazia de Itacoatiara (AM)
Dom José Reginaldo Andrietta, bispo de Jales (SP)
Dom Limacedo Antônio da Silva, bispo auxiliar da arquidiocese de Olinda e Recife (PE)
Dom João Aparecido Bergamasco, bispo da diocese de Corumbá (MS)
Dom Geremias Steinmetz, arcebispo de Londrina (PR)

Assessores

Frei Olavio Dotto
Padre Dário Bossi

Secretária do Setor de Mobilidade Humana

Irmã Claudina Scpini

Secretária executiva da 6ª Semana Social Brasileira

Alessandra Miranda

Conteúdo

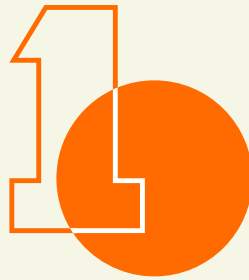
Alessandra Miranda
Indi Gouveia
Neuza Mafra
Olávio Dotto
Roberto Malvezzi (Gogó)

Pastorais e organismos que articulam e animam a JMP

6ª Semana Social Brasileira
Assessoria de Comunicação da CNBB
Cáritas Brasileira
Conselho Nacional do Laicato do Brasil
Conselho Pastoral dos Pescadores
Instituto Migrações e Direitos Humanos
Pascom Brasil
Pastoral da Criança
Pastoral do Povo de Rua
Pastoral Operária
Serviço a Pastoral do Migrante
Setor de Mobilidade Humana da CNBB
Signis Brasil

SE/Sul Quadra 801 Conjunto "B" 70.200-014. BRASÍLIA - DF
psocial@cnbb.org.br





APRESENTAÇÃO

Estamos a caminho do 7º Dia Mundial do Pobre, a ser celebrado no 33º Domingo do Tempo Comum, dia 19 de novembro de 2023. Aqui no Brasil, desde o início, denominamos Jornada Mundial dos Pobres para dar o sentido de processo, de caminho, de mobilização de nossas comunidades no cuidado para com os que se encontram sem situação de fome, o que quer significar, primeiramente, dar comer a quem tem fome, mas, também, colaborarmos na construção de políticas públicas para superação da fome e da miséria.

O tema que o Papa Francisco escolheu para 2023 é “Não desvies o rosto de nenhum pobre” (Tb 4,7). É um convite para afastar de nós a indiferença. A atitude do bom samaritano é o caminho. Ele ficou tocado ao contemplar o drama do outro. “Quando nos deparamos com um pobre, não podemos virar o olhar para o lado oposto, porque impediríamos a nós mesmos de encontrar o rosto do Senhor Jesus.” (Papa Francisco).

Na perspectiva cristã, a opção pelos pobres não está vinculada a um voluntarismo ascético-moral, mas a um caminho no qual o ser humano se desvela como pessoa guiada pelo princípio compaixão, sensível ao sofrimento dos outros e feliz por compartilhar seu ser e seus bens com as pessoas, de modo especial os pobres. É preciso abrir os olhos para ver, dispor o coração para comover-se e estender as mãos para ajudar.

Este subsídio é para ajudar os grupos, as comunidades e paróquias a refletirem sobre a realidade da fome à luz da mensagem do Papa Francisco. Há, também, o roteiro celebrativo para rezar e compartilhar os alimentos com os necessitados e necessitadas. Que esta Jornada Mundial dos Pobres nos ajude a “ver”, “a sentir compaixão” e a “cuidar deles”.

Frei Olavio Dotto
Assessor CEPAST/CNBB



MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O VII DIA MUNDIAL DOS POBRES

“Não desvies o rosto de nenhum pobre” (Tb 4,7)

19 de novembro de 2023

33° Domingo do Tempo Comum.

1

O Dia Mundial dos Pobres, sinal fecundo da misericórdia do Pai, vem pela sétima vez alentar o caminho das nossas comunidades. Trata-se duma ocorrência que se está a radicar progressivamente na pastoral da Igreja, fazendo-a descobrir cada vez mais o conteúdo central do Evangelho. Empenhamo-nos todos os dias no acolhimento dos pobres, mas não basta; a pobreza permeia as nossas cidades como um rio que engrossa sempre mais até extravasar; e parece submergir-nos, pois o grito dos irmãos e irmãs que pedem ajuda, apoio e solidariedade ergue-se cada vez mais forte. Por isso, no domingo que antecede a festa de Jesus Cristo, Rei do Universo, reunimo-nos ao redor da sua Mesa para voltar a receber d’Ele o dom e o compromisso de viver a pobreza e servir os pobres.



“Não desvie o rosto de nenhum pobre” (Tb 4,7). Esta recomendação ajuda-nos a compreender a essência do nosso testemunho. Deter-se no Livro de Tobite, um texto pouco conhecido do Antigo Testamento, eloquente e cheio de sabedoria, permitir-nos-á penetrar melhor no conteúdo que o autor sagrado deseja transmitir. Abre-se diante de nós uma cena de vida familiar: um pai, Tobite, despede-se do filho, Tobias, que está prestes a iniciar uma longa viagem. O velho Tobite teme não voltar a ver o filho e, por isso, deixa-lhe o seu «testamento espiritual». Foi deportado para Nínive e agora está cego; é, por conseguinte, duplamente pobre, mas sempre viveu com a certeza que o próprio nome exprime: «O Senhor foi o meu bem». Este homem que sempre confiou no Senhor, deseja, como um bom pai, deixar ao filho não tanto bens materiais, mas sobretudo o testemunho do caminho que há de seguir na vida. Por isso diz-lhe: «Lembra-te sempre, filho, do Senhor, nosso Deus, em todos os teus dias, evita o pecado e observa os seus mandamentos. Pratica a justiça em todos os dias da tua vida e não andes pelos caminhos da injustiça» (Tb 4, 5).

2

Como salta à vista, a recordação, que o velho Tobite pede ao filho para guardar, não se reduz simplesmente a um ato da memória nem a uma oração dirigida a Deus. Faz referência a gestos concretos, que consistem em praticar boas obras e viver com justiça. E a exortação torna-se ainda mais específica: «Dá esmolas, conforme as tuas posses. Nunca afastes de algum pobre o teu olhar, e nunca se afastará de ti o olhar de Deus» (Tb 4, 7).

Muito surpreendem as palavras deste velho sábio. Não esqueçamos, de facto, que Tobite perdeu a vista precisamente depois de ter praticado um ato de misericórdia. Como ele próprio conta, desde a juventude que se dedicou a obras de caridade, «dando muitas esmolas aos meus irmãos, os da minha nação que comigo tinham sido levados cativos para a terra dos assírios, em Nínive (...), fornecendo pão aos esfomeados e vestindo os nus e, se encontrava morto alguém da minha linhagem, atirado para junto dos muros de Nínive, dava-lhe sepultura» (Tb 1, 3.17).

Por causa deste seu testemunho de caridade, viu-se privado de todos os seus bens pelo rei, ficando na pobreza completa. Mas, o Senhor precisava ainda dele! Foi-lhe devolvido o seu lugar de administrador e ele não teve medo de continuar o seu estilo de vida. Ouçamos a sua história, que hoje

nos fala também a nós: «Pela festa do Pentecostes, que é a nossa festa das Semanas, mandei preparar um bom almoço e reclinei-me para comer. Mas, ao ver a mesa coberta com tantas comidas finas, disse a Tobias: “Filho, vai procurar, entre os nossos irmãos cativos em Nínive, um pobre que seja de coração fiel, e trá-lo para que participe da nossa refeição. Eu espero por ti, meu filho”» (Tb 2, 1-2). Como seria significativo se, no Dia dos Pobres, esta preocupação de Tobite fosse também a nossa! Ou seja, convidar para partilhar o almoço dominical, depois de ter partilhado a Mesa Eucarística. A Eucaristia celebrada tornar-se-ia realmente critério de comunhão. Aliás, se ao redor do altar do Senhor temos consciência de sermos todos irmãos e irmãs, quanto mais visível se tornaria esta fraternidade, compartilhando a refeição festiva com quem carece do necessário!

Tobias fez como o pai lhe dissera, mas voltou com a notícia de que um pobre fora morto e deixado no meio da praça. Sem hesitar, o velho Tobite levantou-se da mesa e foi enterrar aquele homem. Voltando cansado para casa, adormeceu no pátio; caíram-lhe nos olhos excrementos de pássaros, e ficou cego (cf. Tb 2, 1-10). Ironia do destino! Pratica um gesto de caridade e sucede-lhe uma desgraça... Apetece-nos pensar assim, mas a fé ensina-nos a ir mais a fundo. A cegueira de Tobite tornar-se-á a sua força para reconhecer ainda melhor tantas formas de pobreza ao seu redor. E, mais tarde, o Senhor providenciará a devolver ao velho pai a vista e a alegria de rever o filho Tobias. Quando chegou este momento, «Tobite lançou-se-lhe ao pescoço e, chorando, disse: “Vejo-te, filho, tu que és a luz dos meus olhos!” E continuou: “Bendito seja Deus e bendito o seu grande nome! Benditos os seus santos anjos! Que seu nome esteja sobre nós e benditos sejam todos os seus anjos, pelos séculos sem fim! Ele puniu-me, mas eis que volto a ver Tobias, o meu filho”» (Tb 11, 13-14).



3

Podemos questionar-nos: Onde tira Tobite a coragem e a força interior que lhe permitem servir a Deus no meio dum povo pagão e amar o próximo até ao ponto de pôr em risco a própria vida? Estamos diante dum exemplo extraordinário: Tobite é um marido fiel e um pai carinhoso; foi deportado para longe da sua terra e sofre injustamente; é perseguido pelo rei e pelos vizinhos de casa... Apesar de ânimo tão bom, é posto à prova. Como muitas vezes nos ensina a Sagrada Escritura, Deus não poupa as provações a quem pratica o bem. E porquê? Não o faz para nos humilhar, mas para tornar firme a nossa fé n'Ele.

Tobite, no período da provação, descobre a própria pobreza, que o torna capaz de reconhecer os pobres. É fiel à Lei de Deus e observa os mandamentos, mas para ele isto não basta. A solicitude operosa para com os pobres torna-se-lhe possível, porque experimentou a pobreza na própria pele. Por isso, as palavras que dirige ao filho Tobias constituem a sua verdadeira herança: «Nunca afastes de algum pobre o teu olhar» (Tb 4, 7). Enfim, quando nos deparamos com um pobre, não podemos virar o olhar para o lado oposto, porque impediríamos a nós próprios de encontrar o rosto do Senhor Jesus. E notemos bem aquela expressão «de algum pobre», de todo o pobre. Cada um deles é nosso próximo. Não importa a cor da pele, a condição social, a proveniência... Se sou pobre, posso reconhecer de verdade quem é o irmão que precisa de mim. Somos chamados a ir ao encontro de todo o pobre e de todo o tipo de pobreza, sacudindo de nós mesmos a indiferença e a naturalidade com que defendemos um bem-estar ilusório.

4

Vivemos um momento histórico que não favorece a atenção aos mais pobres. O volume sonoro do apelo ao bem-estar é cada vez mais alto, enquanto se põe o silenciador relativamente às vozes de quem vive na pobreza. Tende-se a ignorar tudo o que não se enquadre nos modelos de vida pensados sobretudo para as gerações mais jovens, que são as mais frágeis perante a mudança cultural em curso. Coloca-se entre parênteses aquilo que é desagradável e causa sofrimento, enquanto se exaltam as qualidades físicas como se fossem a meta principal a alcançar. A realidade virtual sobrepõe-se à vida real, e acontece cada vez mais facilmente confundirem-se os dois mundos. Os pobres tornam-se imagens que até podem comover por alguns momentos, mas quando os encontramos

em carne e osso pela estrada, sobrevivem o fastídio e a marginalização. A pressa, companheira diária da vida, impede de parar, socorrer e cuidar do outro. A parábola do bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37) não é história do passado; desafia o presente de cada um de nós. Delegar a outros é fácil; oferecer dinheiro para que outros pratiquem a caridade é um gesto generoso; envolver-se pessoalmente é a vocação de todo o cristão.

5

Damos graças ao Senhor porque há tantos homens e mulheres que vivem a dedicação aos pobres e excluídos e a partilha com eles; pessoas de todas as idades e condições sociais que praticam a hospitalidade e se empenham junto daqueles que se encontram em situações de marginalização e sofrimento. Não são super-homens, mas «vizinhos de casa» que encontramos cada dia e que, no silêncio, se fazem pobres com os pobres. Não se limitam a dar qualquer coisa: escutam, dialogam, procuram compreender a situação e as suas causas, para dar conselhos adequados e indicações justas. Estão atentos tanto à necessidade material como à espiritual, ou seja, à promoção integral da pessoa. O Reino de Deus torna-se presente e visível neste serviço generoso e gratuito; é realmente como a semente que caiu na boa terra da vida destas pessoas, e dá fruto (cf. Lc 8, 4-15). A gratidão a tantos voluntários deve fazer-se oração para que o seu testemunho possa ser fecundo.

6

No 60º aniversário da Encíclica *Pacem in terris*, é urgente retomar as palavras do Santo Papa João XXIII quando escrevia: «O ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida: tais são especialmente a nutrição, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária, os serviços sociais indispensáveis. Segue-se daí, que a pessoa tem também o direito de ser amparada em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego forçado, e em qualquer outro caso de privação dos meios de sustento por circunstâncias independentes da sua vontade» (n. 11).

Quanto trabalho temos ainda pela frente para tornar realidade estas palavras, inclusive através dum sério e eficaz empenho político e legislativo! Não obstante os limites e por vezes as lacunas da política para ver e servir o bem comum, possa desenvolver-se a solidariedade e a subsidiariedade de muitos cidadãos que acreditam no valor do empenho voluntário de dedicação aos pobres. Isto, naturalmente sem deixar de estimular e fazer

pressão para que as instituições públicas cumpram do melhor modo possível o seu dever. Mas não adianta ficar passivamente à espera de receber tudo «do alto». E, quem vive em condição de pobreza, seja também envolvido e apoiado num processo de mudança e responsabilização.

7

Mais uma vez, infelizmente, temos de constatar novas formas de pobreza que se vêm juntar às outras descritas já anteriormente. Penso de modo particular nas populações que vivem em cenários de guerra, especialmente nas crianças privadas dum presente sereno e dum futuro digno. Ninguém poderá jamais habituar-se a esta situação; mantenhamos viva toda a tentativa para que a paz se afirme como dom do Senhor Ressuscitado e fruto do empenho pela justiça e o diálogo.

Não posso esquecer as especulações, em vários setores, que levam a um aumento dramático dos preços, deixando muitas famílias numa indignância ainda maior. Os salários esgotam-se rapidamente, forçando a privações que atentam contra a dignidade de cada pessoa. Se, numa família, se tem de escolher entre o alimento para se nutrir e os remédios para se curar, então deve fazer-se ouvir a voz de quem clama pelo direito a ambos os bens, em nome da dignidade da pessoa humana.

Além disso, como não assinalar a desordem ética que marca o mundo do trabalho? O tratamento desumano reservado a muitos trabalhadores e trabalhadoras; a remuneração não equivalente ao trabalho realizado; o flagelo da precariedade; as demasiadas vítimas de incidentes, devidos muitas vezes à mentalidade que privilegia o lucro imediato em detrimento da segurança... Voltam à mente as palavras de São João Paulo II: «O primeiro fundamento do valor do trabalho é o próprio homem. (...) O homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo antes de mais nada o trabalho é “para o homem”, e não o homem “para o trabalho”» (Enc. Laborem exercens, 6).



8

Este elenco, já em si mesmo dramático, dá conta apenas de modo parcial das situações de pobreza que fazem parte da nossa vida diária. Não posso deixar de fora, em particular, uma forma de mal-estar que aparece cada dia mais evidente e que atinge o mundo juvenil. Quantas vidas frustradas e até suicídios de jovens, iludidos por uma cultura que os leva a sentirem-se «inacabados» e «falidos». Ajudemo-los a reagir a estas instigações nocivas, para que cada um possa encontrar a estrada que deve seguir para adquirir uma identidade forte e generosa.

É fácil cair na retórica, quando se fala dos pobres. Tentação insidiosa é também parar nas estatísticas e nos números. Os pobres são pessoas, têm rosto, uma história, coração e alma. São irmãos e irmãs com os seus valores e defeitos, como todos, e é importante estabelecer uma relação pessoal com cada um deles.

O Livro de Tobias ensina-nos a ser concretos no nosso agir com e pelos pobres. É uma questão de justiça que nos obriga a todos a procurar-nos e encontrar-nos reciprocamente, favorecendo a harmonia necessária para que uma comunidade se possa identificar como tal. Portanto, interessar-se pelos pobres não se esgota em esmolas apressadas; pede para restabelecer as justas relações interpessoais que foram afetadas pela pobreza. Assim «não afastar o olhar do pobre» leva a obter os benefícios da misericórdia, da caridade que dá sentido e valor a toda a vida cristã.

9

Que a nossa solicitude pelos pobres seja sempre marcada pelo realismo evangélico. A partilha deve corresponder às necessidades concretas do outro, e não ao meu supérfluo de que me quero libertar. Também aqui é preciso discernimento, sob a guia do Espírito Santo, para distinguir as verdadeiras exigências dos irmãos do que constitui as nossas aspirações. Aquilo de que seguramente têm urgente necessidade é da nossa humanidade, do nosso coração aberto ao amor. Não esqueçamos: «Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles» (Francisco, Exort. ap. Evangelii gaudium, 198). A fé ensina-nos que todo o pobre é filho de Deus e que, nele ou nela, está presente Cristo: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40).

10

Este ano completam-se 150 anos do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus. Numa página da sua História de uma alma, deixou escrito: «Compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em edificar-se com os mais pequenos atos de virtude que se lhes vir praticar; mas compreendi, sobretudo, que a caridade não deve ficar encerrada no fundo do coração: “Ninguém, disse Jesus, acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas coloca-a sobre o candelabro para alumiar todos os que estão em casa”. Creio que essa luz representa a caridade, que deve iluminar e alegrar, não só os que são mais queridos, mas todos aqueles que estão na casa, sem excetuar ninguém» (Manuscrito C, 12rº: História de uma alma, Avesadas 2005, 255-256).

Nesta casa que é o mundo, todos têm direito de ser iluminados pela caridade, ninguém pode ser privado dela. Possa a tenacidade do amor de Santa Teresinha inspirar os nossos corações neste Dia Mundial, ajudar-nos a «nunca afastar de algum pobre o olhar» e a mantê-lo sempre fixo no rosto humano e divino do Senhor Jesus Cristo.

Roma – São João de Latrão, na Memória de Santo António, Patrono dos Pobres, 13 de junho de 2023.

FRANCISCO





VER A REALIDADE À LUZ DO TEXTO BÍBLICO

Não desvie o rosto de nenhum pobre (Tobias 4,7)

Essa expressão bíblica é um desafio permanente para os cristãos. Afinal, “os pobres estão entre nós” (Mc 14,7). Os primeiros rostos bíblicos dos quais não se podia desviar o rosto eram os “órfãos, as viúvas e os estrangeiros” (SL 146,9), afinal, eram os descartados do povo de Israel. A Igreja Católica Latino-americana, a cada Conferência Episcopal que realizou, sempre atualizou esses rostos para os descartados de sua época.

Mas, o que significa que em pleno século XXI “não desvie o rosto de nenhum pobre”? O Papa Francisco nos dá uma bela resposta em seus discursos e diálogos com os Movimentos Populares Socioambientais:

Agora, mais do que nunca, são as pessoas, as comunidades, os povos que devem estar no centro, unidos para curar, cuidar, compartilhar... Vocês são vistos com suspeita por superarem a mera filantropia por meio da organização comunitária ou por reivindicarem seus direitos, em vez de ficarem resignados à espera de ver se alguma migalha cai daqueles que detêm o poder econômico (FRANCISCO, 2020).

Um primeiro passo é sempre a pessoa do pobre – alguns preferem chamar de “empobrecidos”, porque sempre há uma causa na existência da pobreza -, situação traduzida em estar muitas vezes caídos nas ruas, na mendicância, na indigência. Cruzamos diariamente com eles em nossas andanças pelas cidades, ou muitas vezes eles vêm bater em nossas portas para pedir um prato de comida, alguma roupa, ou qualquer tipo de ajuda. Então, mesmo aí, “não desvie seu rosto de nenhum pobre”. Quando isso acontece, nós que estamos melhor na vida, ficamos incomodados, temos medo de abrir as portas, tememos um assalto, uma agressão, ou simplesmente queremos fugir do incômodo que eles nos provocam. Uma conversão integral exige que não fechemos para eles os nossos olhos. Sempre é possível uma ajuda imediata, algum alimento, alguma roupa, ou até mesmo alguma pequena ajuda. Muitas paróquias e setores eclesiais criam obras de amparo aos mais empobrecidos na medida de suas possibilidades.

Mas, quando a pobreza se torna um fenômeno social, então, no dizer do Papa João Paulo II, aí só “a caridade organizada”. Sozinhos não temos alcance. Nesse caso, “não desviar o rosto dos pobres”, é organizar o mundo dos empobrecidos, colaborar para que sejam sujeitos de seus processos e de suas histórias, por isso é que temos nas Igrejas as Pastorais Socioambientais, aquelas que vão aonde os empobrecidos estão e cooperam para que se organizem e se empoderem para sair da situação de vulnerabilidade na qual se encontram.

Tem ainda o nível das políticas públicas, cobrando do Estado sua responsabilidade perante os filhos de um país rico como é o caso do Brasil, mas que tem milhões de pessoas ainda em situação de pobreza extrema. Nesse caso, vamos além do assistencialismo, e as políticas de geração de trabalho, renda, distribuição de riqueza, ganham níveis nacionais e internacionais no combate à pobreza em todas as suas faces.

Finalmente, a luta por uma sociedade mais justa e sustentável, porque a luta contra a pobreza hoje tem uma dimensão socioambiental. Passamos então ao nível da macropolítica, no combate à necropolítica. Enquanto a primeira visa o bem comum de todo um povo, até de toda a humanidade, de todas as formas de vida, a segunda provoca a morte de pessoas pela miserabilidade para acumular capital e enriquecer poucos às custas de muitos, ao ponto de tornar a Terra também uma “irmã pobre”, como diz Papa Francisco. A luta por sociedades mais justas continua um desafio perene para o mundo dos cristãos e para toda a sociedade.

A luta em favor dos pobres, e de todas as formas de vida ameaçadas, é necessariamente contra a pobreza, por uma vida digna e simples para todos os seres humanos e com respeito a todas as formas de vida. Esse é o aggiornamento do livro de Tobias para o século XXI no qual estamos nós.

Roberto Malvezzi (Gogó)
Juazeiro 25/09/2023

REFERÊNCIA

PAPA FRANCISCO. CARTA DO PAPA FRANCISCO AOS MOVIMENTOS POPULARES.

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco_20200412_lettera-movimentipopolari.html Acesso em 08/06/20.





AGIR COM E PELOS POBRES

Na mensagem o papa ressalta que o Livro de Tobias ensina a sermos concretos no nosso agir com e pelos pobres. “É uma questão de justiça que nos obriga a todos a procurar-nos e encontrar-nos reciprocamente, favorecendo a harmonia necessária para que uma comunidade se possa identificar como tal. Portanto, interessar-se pelos pobres não se esgota em esmolas apressadas; pede para restabelecer as justas relações interpessoais que foram afetadas pela pobreza” Papa Francisco na VII mensagem para o Dia Mundial dos Pobres. Por isso, a urgência em promover mudanças estruturantes nas realidades que causam a pobreza.

Abaixo sugerimos algumas ações para a concretização desse processo.



3.1 Incidência Política: compromisso político

As causas pela vida digna dos pobres são muitas. Demandas e ações de assistência social, assim como de mudanças de políticas estruturantes são urgentes. A Jornada dos Pobres também tem essa missão evangélica e política.

Populações em situação de rua, mulheres violentadas, migrantes e refugiados, crianças, adolescentes e mulheres explorados sexualmente, vítimas do tráfico de pessoas, pessoas passando fome, assim como tantas outras realidades vivenciadas nas comunidades e territórios onde as ações das igrejas locais alcançam estão presentes. Estas situações exigem atuação solidária na hospitalidade imediata, mas também no investimento de tempo e organização para a incidência política.

Diálogo com o poder local através de audiências públicas, reuniões com as lideranças comunitárias e institucionais, manifestações junto ao legislativo e executivo e presença em conselhos de direito, são algumas das possibilidades para atuar nas questões estruturais que geram desigualdades. Organize sua comunidade e faça “pressão” para que a política com e para o povo aconteça.

Estamos nos preparando para a 6ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, que acontecerá de 11 a 13 de dezembro de 2023, em Brasília (DF), cujo tema é “Erradicar a fome e garantir direitos com comida de verdade, democracia e equidade”, será de grande importância para o restabelecimento de condições dignas de vida e cidadania e pela promoção do direito humano à alimentação adequada no Brasil. E como você pode ajudar? Participando e apresentando propostas nas conferências municipais e estaduais sobre a segurança alimentar e nutricional, pois são momentos essenciais antes da conferência nacional. Para conhecer mais detalhes sobre a conferência:



Acesse o caderno de orientações:

https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/consea/conferencia/CadernodeOrientacoes6aConferencia_final_16.06.23.pdf

3.2. Você tem fome e sede de que?

Organize, mobilize e realize momentos de solidariedade imediata com os empobrecidos, sobretudo dando alimento a quem precisa. Os almoços coletivos indo ao encontro das comunidades vulneráveis, além de cumprir a missão cristã, fortalece as comunidades eclesiais que se juntam em torno de um bem comum.

A Banquetaço

B Metodologia e história

Banqueta Aço é um coletivo de ação direta, formado pela sociedade civil organizada, para fortalecer a defesa do direito humano à alimentação adequada e saudável. Por meio de banquetes públicos e intervenções, visa sensibilizar a sociedade sobre a importância da comida – no campo, na cidade, nas florestas e nas águas – promovendo debates e agendas que envolvem os diversos atores dessa ampla cadeia: quem planta e colhe cuidando do meio ambiente e produzindo comida, quem cozinha, quem pesquisa e todos os que agem social, econômica e politicamente nessa relação com os alimentos. Banqueta Aço é uma ferramenta de ação e mobilização política em prol da Soberania e Segurança Alimentar Nutricional (SSAN) para toda a população



Acesse o caderno de metodologias de ação do Banquete.

https://alimentacaosaudavel.org.br/wp-content/uploads/2023/02/MANUAL-METODOLOGIAS-BQT_atualizado2023.pptx.pdf



C Cozinhas Solidárias

As Cozinhas Solidárias foram criadas pelo Movimento dos Trabalhadores sem Teto - MTST com o propósito de ajudar a combater a fome em um período de crise sanitária, social, econômica e política que tirou mais de 700 mil vidas. Infelizmente, mesmo passada a pandemia, o desemprego e a fome não saem dos noticiários e continuam a maltratar a população mais vulnerável.

Os espaços recebem mutirões de apoio jurídico coletivo e individual, cines-debate, rodas de conversa com gestantes, oficinas culturais, cursos, reforço escolar para crianças e alfabetização de jovens e adultos.

A fim de contribuir para a soberania alimentar na periferia, as cozinhas promovem o cultivo de hortas urbanas comunitárias nas proximidades para fornecerem alimentos para as próprias cozinhas e, sempre que possível, para doação às comunidades próximas.

Quem faz acontecer: para que cada Cozinha Solidária possa oferecer desde as refeições diárias até uma rede apoio e afeto, muitas pessoas e organizações colaboram de diversas formas. Ou seja, quem faz o projeto das cozinhas funcionar não é apenas o MTST, é também cada pessoa que contribui do modo como pode, seja atuando no dia-a-dia no projeto ou doando através do nosso financiamento coletivo.

Todos os espaços são construídos em mutirões que unem moradores da região, militantes do MTST e de movimentos parceiros, além de voluntários que colaboram também com a manutenção dos espaços, organização das filas e distribuição das marmitas.



SAIBA MAIS

<https://www.cozinhasolidaria.com/#inicio>

Que tal pesquisar se na sua região existe uma Cozinha Comunitária, para que a comunidade assuma o compromisso com a iniciativa? Caso não tenha, organizar a iniciativa coletiva.



CELEBRANDO A ESPERANÇA NA VIDA DOS POBRES

Roteiro adaptado da Campanha 10 Milhões de Estrelas da Cáritas Brasileira

VII Jornada Mundial do Pobre 2023

Quem tem fome tem pressa. Vamos logo socorrer!

“Eu tive fome e me destes de
comer” (Mt 25,35)



PREPARAR O AMBIENTE:

- Se possível, solicitar que sejam trazidos alimentos para serem partilhados com pessoas que precisam (combinar a entrega no final).
- Acolher quem chega com o mantra a seguir:

Mantra: Seja bendito quem chega, seja bendito quem chega, trazendo a paz, trazendo a paz do Senhor!

Animador/a: Queridos irmãos, queridas irmãs, mais uma vez nos reunimos para refletir sobre as causas geradoras da fome e da pobreza no mundo. É com alegria que nos encontramos, por isso, iniciemos nosso encontro:

Todos/as: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Motivação: Hoje nos unimos às milhares de pessoas, em torno da VII Jornada Mundial dos Pobres, clamando pela solidariedade e pela paz. Paz que só será possível, quando ninguém mais sofrer ou morrer por causa da fome.

Nos últimos anos, o nosso país conviveu com o empobrecimento da população acentuado e o número de pessoas atingidas pela fome pulou de cerca de 9% em 2019 para 15,5% em 2022, de acordo com a pesquisa da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (PENSSAN) - o que corresponde a aproximadamente 33,1 milhões de pessoas que não têm o que comer!

Por isso, é urgente continuar esse tema. Pois quem tem fome, tem pressa. Vamos logo socorrer!

Animador/a: Segundo o Papa Francisco “à imitação de Maria, somos chamados a nos tornar portadores de Cristo e testemunhas do seu amor, olhando antes de tudo para aqueles que são os privilegiados aos olhos de Jesus. São aqueles que o próprio Jesus indicou: ‘Tive fome e me destes de comer’(...)”. Igualmente somos convidados/as a SACIAR a fome de irmãos e irmãs. Só assim conseguiremos vencer o egoísmo e tornar mais feliz a vida das pessoas, enxugar suas lágrimas e dar-lhes um pouco de esperança e alegria.

RECORDAÇÃO DA VIDA

Animador/a: Vamos fazer memória das diferentes realidades e situações onde o “escândalo” da fome insiste em reinar e peçamos que Jesus, nossa LUZ, nos indique o caminho para transformar essa realidade de dor. (deixar um tempinho para as intenções),

DADOS DA REALIDADE

Leitor/a 01: De acordo com a sétima edição do Relatório Global sobre as Crises Alimentares, aproximadamente 258 milhões de pessoas enfrentam insegurança alimentar aguda no mundo.

Leitor/a 02: No Brasil a constatação é que mais de 33 milhões de pessoas não têm garantido o que comer, isso representa 14 milhões de brasileiros em situação de fome. Ou seja, mais da metade (58,7%) da população brasileira convive com a insegurança alimentar em algum grau: leve, moderado ou grave.

Leitor/a 01: Mas o flagelo da fome não é algo isolado. A Análise de Conjuntura apresentada na última Assembleia da CNBB, apontou para várias sequelas severas deixadas na realidade brasileira, muitas delas causadas pela pandemia e acentuadas pela crise econômica comandada pelo último governo:

- Quase 281 mil brasileiros vivem em situação de rua.
- Metade das crianças menores de 14 anos está abaixo da linha da pobreza.
- O aumento do número de jovens que não estudam nem trabalham.
- O racismo estrutural e cotidiano está fortemente presente na sociedade.
- Até março de 2023, já foram resgatadas 523 pessoas em condições de trabalho análogo à escravidão.
- Desemprego e falta de moradias dignas.
- Aumento do feminicídio e violência doméstica.
- Aumento de mortes e insegurança pública causadas pela facilitação na compra de armas de fogo, inclusive os ataques às escolas.

Animador/a: Diante dessa realidade de dor e sofrimento, possamos seguir com o exemplo de Jesus que anunciou: “Eu tive fome e me destes de comer” (Mt 25,35), pois, quem tem fome tem pressa, vamos logo socorrer!

Canto: O pão da vida (Pe. José Weber)

Ref.: O pão da vida, a comunhão/ Nos une a Cristo e aos irmãos

E nos ensina a abrir as mãos para partir, repartir o pão

E nos ensina a abrir as mãos para partir, repartir o pão!

Lá no deserto, a multidão com fome segue o bom pastor,

Com sede busca a nova palavra, Jesus tem pena e reparte o pão.

Onde houver fome, reparte o pão e tuas trevas hão de ser luz.

Encontrarás Cristo no irmão, serás bendito do eterno Pai!

Não é feliz quem não sabe dar, quem não aprende a lição do altar

De abrir a mão e o coração, para doar-se no próprio dar.

QUEM TEM FOME TEM PRESSA, VAMOS LOGO SOCORRER!

Animador/a: A expressão: “quem tem fome tem pressa”, é um marco na história da organização Ação da Cidadania, criada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Mas como ela surgiu?

Leitor/a: Amiga de Betinho, hoje com 96 anos, dona Teresinha conta que o amigo, vendo a situação da fome aumentar mais e mais, disse a ela: - “Dona Teresinha, a senhora é cozinheira, faz a comida e eu tenho dinheiro, compro a comida”. E assim começaram a fazer num espaço cedido pela Igreja. No final do trabalho ele lhe disse: - “Amanhã a senhora volta”. E ela respondeu: “Amanhã já morreu, ‘quem tem fome tem pressa’!”.

Todos/as: Quem tem fome tem pressa, vamos logo socorrer!

Animador/a: Acompanhemos a canção que expressa melhor esta frase:

Hino: Quem tem fome tem pressa (Ação da Cidadania)

Leitor/a 01: Nesse momento tem gente morrendo de fome, no nosso Brasil. É a tristeza que a sociedade consome. Me diz quem não viu?

Leitor/a 02: Quem tem fome tem pressa, não pode esperar, a fome é perversa, não dá pra negar. E quem alimenta esse monstro do mal é a desigualdade social.

Leitor/a 03: Tem barriga vazia fazendo chorar, mas a cidadania tem uma missão, fazer esse mundo se mobilizar, pra nunca mais faltar o arroz e o feijão.

Leitor/a 04: Só a corrente da dignidade, pode mudar essa realidade e dar um fim nessa situação, pergunte pro teu coração, que ele vai responder. Como faz bem fazer o bem, e ver o bem prevalecer!

Todos/as: Vem ajudar a renovar, a esperança de alguém. O que é pouco para você, pode salvar quem nada tem. Pergunte pro teu coração, que ele vai responder: Como faz bem fazer o bem, e ver o bem prevalecer!

ILUMINAR NOSSA VIDA COM A PALAVRA DE DEUS

Animador/a: Falando aos discípulos, Jesus utiliza uma parábola para falar como irá julgar a humanidade. O critério de Jesus está baseado naquilo que fazemos (ou não) aos nossos irmãos e irmãs. Por isso, deixemos que esta Palavra ilumine a nossa vida e nos desafie a lutar para superar a fome no mundo a começar pela nossa comunidade. Acolhamos a Palavra de Deus cantando:

Canto: A luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós....

Leitor/a: Evangelho de São Mateus 25,34-40

PARTILHAR A PALAVRA

- **O que sinto e tenho feito, sabendo que milhares de pessoas sofrem ou morrem de fome?**
- **Qual a relação da frase dita por dona Teresinha: “quem tem fome tem pressa”, e a citação bíblica: “tive fome e me destes de comer”?**

Animador/a: O Papa Francisco tem chamado a atenção para esta realidade da fome dizendo: “Produzimos comida suficiente para todas as pessoas, mas muitas ficam sem o pão de cada dia. Isso ‘constitui um verdadeiro escândalo’, um crime que viola direitos humanos básicos”.

Todos/as: (cantado) O pão da vida, a comunhão/Nos une a Cristo e aos irmãos

E nos ensina a abrir as mãos para partir, repartir o pão

E nos ensina a abrir as mãos para partir, repartir o pão!

Leitor/a: E ele ainda nos desafia: “É um dever de todos extirpar esta injustiça através de ações concretas e boas práticas, e através de políticas locais e internacionais ousadas” (Papa Francisco).

Todos/as: Quem tem fome tem pressa, vamos logo socorrer!

Elevar nossas preces ao Pai (Madre Teresa de Calcutá)

L1. Senhor, quando eu tiver fome, manda-me alguém para eu alimentar.

L2. Quando eu tiver sede, manda-me alguém para eu dessedentar.

L1. Quando eu tiver frio, manda-me alguém para eu aquecer.

L2. Quando eu estiver triste, manda-me alguém para eu consolar.

L1. Quando eu estiver pobre, manda-me alguém mais pobre do que eu.

- L2. Quando eu não tiver tempo, manda-me alguém para eu escutar.
- L1. Quando eu for humilhado, manda-me alguém para comigo louvar.
- L2. Quando eu estiver desanimado, manda-me alguém para eu encorajar.
- L1. Quando eu me sentir incompreendido, manda-me alguém para eu abraçar.
- L2. Quando eu não me sentir amado, manda-me alguém para eu amar.

COMPROMISSO CONCRETO

Animador/a: Sensibilizados com a cruel realidade da fome e desafiados por Jesus: “Tive fome e me destes de comer”, somos convidados a nos apressar em socorrer quem tem fome.

Combinar com o grupo como fazer a distribuição dos alimentos trazidos;

Fomentar a promoção de feiras de EPS e outros espaços de comercialização da agricultura familiar e de produtos agroecológicos;

Que outros gestos solidários podemos organizar?

REZAR O PAI NOSSO

ORAÇÃO FINAL

(Baseada na Campanha Mundial por Uma família Humana)

Senhor Nosso Deus, que nos confiaste os frutos da criação para que cuidássemos da terra e nos alimentássemos de sua generosidade.

Enviaste teu Filho Jesus, que teve compaixão das pessoas que não tinham o que comer, para partilhar sua própria carne e sangue

e ensinar-nos a Lei do Amor.

Aqui estamos Senhor, conscientes de nossas fraquezas, mas com muita esperança, para compartilhar o alimento com todas as pessoas.

Ilumina as nações a encontrarem soluções justas e solidárias para acabar com a fome no mundo e garantir o direito de cada ser humano à alimentação.

Ensinai-nos a dar pão a quem tem fome, e aumentai

a fome por justiça a quem tem pão. Amém!



Jornada Mundial dos Pobres

